

**DISCURSO** pronunciado no Teatro 7 de Setembro, em Rio-Grande, na sessão solene do dia 11 de junho de 1936, em que foi instalado oficialmente o Centro Cultural “Marcílio Dias”.

Ilustres representantes das autoridades civís, militares e eclesiásticas. Digníssimas comissões presentes. Meus senhores, minhas senhoras. Nobres e valorosos bandeirantes. Seleto auditório.

Preta, tão preta como o azeviche, cabelos emaranhados, lábios grosseiros, sangue africano quente e generoso a lhe correr nas veias, alma formada para a dedicação, para a bondade, para o amor; espírito afeito ao sacrifício, ao trabalho; negra boa, espargindo em redor de si as flores da simpatia, dessa simpatia que atrai, que prende e que transforma até em amizade sincera e espontânea, ela ressurge hoje, no próprio coração do Brasil, como a mais robusta incarnação da Mãe Preta. Enleada em êxtase do mais puro e sacrossanto de todos os amores, o amor de mãe, o seu ventre feliz rasgou-se, para que dêe saísse um predestinado, que havia de mais tarde glorificar uma raça. Os seus seios ofegantes amamentaram aquele que seria mais tarde apontado aos porvindouros como exemplo de bravura, de lealdade e de patriotismo. No aconchêgo do seu colo, bem junto ao seu extremoso coração de mãe, sonhou o primeiro sonho aquele que ao morrer nasceria para a imortalidade.

Negra boa, negra gloriosa, eu te bendigo, porque tu foste o exemplo vivo da dignidade brasileira. E o

Brasil, hoje celebrando o feito memorável de Riachuelo há de reverenciar com respeito e admiração a tua memória, porque tu foste o motivo de tanta bravura, a razão de ser de tanto heroísmo e Astarté orgulhosa da grandeza de teu filho, do valoroso e imperial marinheiro Marcílio Dias, há de circunscrever no céu constelado da gratidão brasileira, um nome aureolado: Pulcena Dias.

Senhores, o acanhado da minha inteligência, realçado pela nulidade da minha palavra, não comporta o histórico dêste drama gigantesco de que Riachuelo foi um dos lances mais arrojados. Eu não vos falarei, porisso, desta jornada soberba, que exigiu do Brasil o sacrifício de 80.000 vidas de bravos compatriotas nossos, que se ofereceram em holocausto à honra, à integridade e à moral da Pátria brasileira. Eu não me ocuparei, porisso, dessa epopéia majestosa, que iniciada em 1864, prolongou-se até 1870, repassada de episódios notáveis, que fizeram ressaltar, repetidas vezes, a bravura indômita da nossa gente e o valor sem par de um Caxias, um Tamandaré, um Osório, um Barroso. Eu não vos falarei mesmo desta prova fulgente do valor hercúleo dos nossos soldados, que foi a batalha de Riachuelo e que passou para a História como um dos maiores feitos das armas brasileiras. Eu vos falarei, apenas, egoísticamente, dêste jacarandá humano de florestal de civismo e de valor, do negro glorioso, que, na expressão feliz de Edgar Fontoura, marcou “a hora culminante da glória naquele mostrador imenso do patriotismo brasileiro”: Marcílio Dias.

E para vos falar em Marcílio Dias não é preciso cultura. Para vos falar na maravilha negra da nossa marinha não são precisos vastos conhecimentos históricos, porque o simples pronunciar dêste nome, só por si, exprime tôda a grandeza, todo o valor do herói bronzeo de Paisaudú e Riachuelo.

Fruto de uma união ilícita, produto de um amor livre que lhe misturou nas veias sangue luso-africano, Marcílio Dias, surgiu no mundo como estas humildes criatu-

ras do povo, para quem o destino se apresenta como um enorme ponto de interrogação. Garoto, êle veio para as ruas e se confundiu e se misturou com a gurizada endiabrada que, improvisando batalhões e simulando guerras, transformavam as ruas da nossa pacata cidade em campos de operações e as pedras sôltas do calçamento em munição, oferecendo perigo iminente às vidraças das cercanias e às cabeças dos gurís-soldados.

Mas, confundindo-se embora, com os companheiros de diabruras tão próprias desta quadra da vida, em Marcílio Dias ressaltavam sempre duas qualidades notáveis: obediência e respeito, qualidades essas que emoldurando o seu caráter até o término da sua vida gloriosa, serviram para atestar não uma submissão humilhante, animada talvez de um sentimento de covardia, e sim a inconfundível nobreza dos que se caracterizam pela convicção do dever a cumprir. E foi aí, nessa infância descuidada e humilde, quando mais incerto lhe parecia o destino, livre dos cuidados maternos, expressão viva de um garoto da rua, sem pai, sem mãe, sem ninguém. Pulcena Dias, que tanto soubera amar o seu filho, estava privada da liberdade, curtindo na cadeia civil desta cidade injusta condenação por um crime que não cometera, o das moedas falsas, de que aliás ficou provada mais tarde a sua inocência, riscando-se-lhe porisso o nome da lista dos culpados.

Foi aí, nessa emergência, em que a vadiagem parecia acenar de mais perto a Marcílio Dias, que justamente ao contrário, o pálio generoso da interferência de um amigo de Pulcena se estendeu por sôbre a cabeça do nosso Marcílio e nas dobras dêsse pálio ocultas estavam a glória do marujo e a imortalidade do herói, a apoteose ao seu nome e a elevação da sua raça.

Daí foram buscá-lo para a marinha, e o encontraram prenderam, levaram para que êle substituísse por um autêntico fardamento de grumete o cinto, a espada e o capacete de fôlha de que êle se revestia nas guerras

fingidas em que brincando se empenhava. E rápida e brilhante e exemplar foi a sua carreira na armada.

Serve na fragata Constituição, depois no vapor Recife; vai a Montevideu várias vezes. Dentre os mais dedicados e estimados dos superiores e colegas destaca-se Marcílio Dias pelo desembaraço, pelo destemor e pela elevação de caráter. E' transferido para bordo do Paraense, e depois de novo para a fragata Constituição. Matricula-se na Escola Prática de Artilharia. Carreira rápida, brilhante terceira classe, segunda classe, primeira classe, conseqüência lógica da sua dedicação aos estudos. Presta exames. Plenamente aprovado. Já é artilheiro naval. Passa pelo quartel dos imperiais marinheiros e dali para bordo da Parnaíba, dessa Parnaíba que seria mais tarde o pedestal gigantesco sôbre o qual êle havia de se erguer como monumento de heroísmo, de bravura e de patriotismo. Na Parnaíba êle recebeu o batismo de fogo. Da Parnaíba êle saiu qual onça bravia derribando corpos e, abrindo caminho, atinge glorioso a tôrre da igreja de Paisandú, para que lá encima, onde essa tôrre terminava, começasse a tremular altivo e majestoso o auriverde pendão por êle herôicamente ali cravado. Tomada Paisandú, a guerra continua e com ela a ascensão de Marcílio Dias à glória, à immortalidade. E' finalmente 11 de junho de 1865. Riachuelo, Barroso, Parnaíba e Marcílio Dias se completam na glorificação, na honra e na moral da Pátria Brasileira. A Parnaíba é invadida pelo inimigo furioso e ligeiro e o seu convés se transforma então em um vasto campo de batalha, luta tremenda corpo a corpo. Sabres e machadinhas reluzem, rubras de sangue, sangue dos nossos ou dos inimigos. Sangue humano. E aí nessa luta titânica Marcílio Dias escreve a última e mais gloriosa página da sua vida, e porque não dizê-lo, uma das páginas mais gloriosas da história pátria. Por várias vezes a vitória parecia sorrir ao inimigo, que chegou a içar no mastro da Parnaíba a sua bandeira tricolor. Marcílio Dias e os demais ma-

rinheiros nacionais vivos não suportaram aquele ultraje. Euquanto um sôpro de vida lhes animasse o corpo, êles lutariam.

Quero outra vez citar o nosso talentoso conterrâneo e brilhante historiador, Edgar Fontoura: “Momentâneamente passa pela mente de Marcílio Dias a imagem da torre da igreja de Paisandú. E relanceia os olhos pelo mastro da bandeira, e vê lá a insígnia adversária, e avança mais. Há de chegar lá. Há de reerguer lá a bandeira nacional. Fê-lo na igreja de Paisandú. Porque não o fará ali, na sua Parnaíba? E avança sempre, distanciando-se dos camaradas. Chega à pôpa. Cercam-no quatro paraguaios. Êle era nesse momento tôda a resistência do pundonor e da fé dos marinheiros do Brasil à afronta inimiga. O duelo prolonga-se. Marcílio Dias não vê que a sua blusa azul já se não distingue da camisola encarnada dos adversários, tinta de sangue. Nem sente as feridas abertas, que sangram. Os quatro inimigos, sendo quatro, são poucos para vencer aquele leão bronzeado. E sentem-se diminuídos. E gritam-lhe raivosos: — Rende-te, Cambaí! Qual rende, nem meio rende! retorque o bravo. E avança. E golpeia. Atinge o mais forte. Atinge outro. O herói golpeia ainda, restam dois. Resvala, porém, no próprio sangue, que lhe escorre do corpo todo ferido, mutilado, massacrado, e se lhe empoça derredor. Resvalando, distende os braços, buscando restabelecer o equilíbrio. Recebe, então, dos adversários tenazes e vigilantes dois golpes simultâneos e violentos na cabeça. E cai, gloriosamente, exangue, desacordado, na arena da honra. E’ como se caísse com êle a capacidade de resistência da Parnaíba”.

E quando Barroso, num rasgo de bravura e inteligência, salva a Parnaíba, garantindo a vitória na grande batalha, Marcílio Dias agoniza sereno, calmo, como um santo, como um herói e no dia seguinte morre ou melhor começa a viver para a glória, para a veneração, para o culto cívico da posteridade. E aí ao exhalar o nosso he-

rói o seu último suspiro, caíriam bem os versos do poeta: — Ou morre um homem na luta, feliz, coberto de glórias. Ou surge um homem na vida, trazendo em cada ferida o hino de uma vitória. — E o exemplo dignificante do autêntico patriota frutificou. No entusiasmo e na admiração pela forma homérica com que êle procurou engrandecer a sua pátria se abeberaram imensos outros, ávidos também por engrandecer, embora em campo diverso, o nome, a terra e a gente brasileiras.

E longe da vibração intensa da luta armada, da guerra, que forma mais nobre, mais elevada, mais eficiente de engrandecer a pátria do que, sinceramente, batalhar por arrancá-la das garras aduncas do inimigo terrível que escraviza consciências, abala honras, embrutece criaturas, avilta povos. Negação estúpida da liberdade, da moral, da virtude. Crosta maldita, como já declarou alguém, que agrava a nossa crise moral e econômica. Mancha humilhante, que entrava o nosso progresso e nos coloca em triste e inferior situação ante as nações cultas e civilizadas: o analfabetismo.

Que problema deve mais interessar aqueles que tem sôbre si a responsabilidade dos destinos do povo do que o problema máximo, o problema da instrução, mas não dessa instrução que se caracteriza apenas pelo conhecimento do jôgo mecânico das letras e das sílabas, mas dessa instrução que se completa na formação do caráter na educação moral, cívica e física, no preparo de homens que dignifiquem a pátria, a sociedade e a família, dignificando a si próprios. Dessa instrução que é o apanágio dos povos fortes e a muralha que se antepõe a sua escravidão porque a história está cheia de exemplos de povos que perderam a sua liberdade e a sua independência pela ausência completa de instrução. Dessa instrução que iguala os homens pelo conhecimento de si mesmos, que eleva o indivíduo pelo civismo e pelas virtudes de que o reveste.

Que problema deve mais merecer o carinho dos verdadeiros patriotas do que o problema educacional, problema que bem estudado, opera verdadeiras transformações na vida das nações como por exemplo o Japão, cujos benéficos resultados da educação de seu povo, na expressão de um ilustre publicista, chegou a assombrar o mundo; a Alemanha, a quem o sábio e saudoso professor Miguel Couto chamou de exemplário de cultura em todos os departamentos do saber humano.

E este grande e luminoso apóstolo da medicina afirmou um dia: — No Brasil só há um problema nacional: a educação do povo. E o meu nobre colega e brilhante deputado, dr. Alberto de Brito, corroborou eloqüentemente esta afirmativa, num fulgurante discurso pronunciado na Assembléia Constituinte, em maio de 1935, quando referindo-se a trechos do hino “O clamor da Verdade”, da autoria do eminente professor Belizário Pena, apresentou ao povo brasileiro da tribuna da Assembléia, todo o horror dêste quadro que, embora considerado exagerado, reveste-se de incontestáveis verdades. “O Brasil, disse o brilhante orador, é ainda um país de analfabetos e doentes, onde 75 % dos seus habitantes não distinguem as letras nem garatujam os nomes. E para gravar na memória do leitor, conforme declara o autor, esta situação dolorosa, esta dolorosa declaração, êle organiza assim o quadro da ignorância: habitantes — 30.000.000; analfabetos — 22.500.000; alfabetos — 7.500.000. Dêsses leem mal e escrevem ainda pior ou não escrevem . . . . . 5.600.000. Leem e escrevem corretamente 1.900.000 ou seja cêrca de 500.000 homens. Dêsses leem, assimilam e acompanham os acontecimentos 30.000. Estudam e se interessam pelos problemas nacionais 1.000 (?). Estudam os problemas nacionais com desinterêsse pessoal, competência e ânimo exclusivamente patriótico 100 — 50 (?) — 20 (?) — e pára aí em angustiosas reticências.

Não vai nas citações que acabo de fazer uma crítica



aos poderes públicos do nosso país em face do importante problema educacional. Manda a justiça que se reconheça e se proclame o que se tem feito nas esferas governamentais, federal, estadual e municipal, em tórno do assunto. O quanto se tem procurado difundir e aumentar entre nós os serviços de instrução! Em 1929, o dr. Osvaldo Aranha, então secretário do Interior, cuidou de organizar uma cruzada grandiosa de alfabetização, afim-de que o Rio-Grande-do-Sul comemorasse o centenário farroupilha sem nenhum analfabeto. Ano da educação, da instrução, foi a denominação dada pelo presidente Getúlio Vargas ao ano de 1935. Também muito tem feito pela instrução o nosso operoso e digno prefeito municipal, cujo nome declino com a mais profunda admiração, dr. Antônio da Rocha Meireles Leite.

Dentro, é claro, das possibilidades econômicas que oferece o nosso município, S. S. tem encarado todos os aspectos, moral, cívico, físico ou pròpriamente dito o da instrução. Mas, a par desta justiça em reconhecer o que se tem feito entre nós, no Rio-Grande-do-Sul, no Brasil, pela instrução, manda o nosso patriotismo que, saindo do terreno teórico, entremos resolutos na terreno concreto das realizações, porque nós seremos amanhã em liberdade, em civismo, em virtude e em grandeza moral e material o que os nossos filhos forem hoje em educação, em instrução. E daí a necessidade, mais do que isso, o dever de todos os brasileiros de concorrer com a sua cooperação, por mais insignificante que seja, na solução de tão importante questão. Dever eu disse, porque é o próprio Brasil que, como que acorrentado com grilhões da inferioridade e da própria diminuição da capacidade produtiva do seu povo e procurando se desvencilhar das garras do analfabetismo para a realização da grandiosidade dos seus destinos, grita e reclama para os seus filhos — instrução.

Instrução — repete o caboclo, êsse caboclo irmão, bom e trabalhador, mas ignorante e que “conhece a exis-

tência dos governos, porque lhe cobram imposto de bezerro, de boi, de cavalo e de burros”. Instrução — clama o proletário patricio vendo aberta diante de si uma legislação trabalhista, vasta e moderníssima, mas que êle não compreende, e porque a não compreende, não a sabe reclamar. Instrução — confirmam solenemente os milhões de negros espalhados pelo Brasil afora e que justificam com a sua própria psicologia a crônica brilhante de Rivaldavia Souza: Pai de Santo. Negro bom, negro sem higiene, negro sem instrução, negro sem escola, negro do Brasil. Instrução — murmuram baixinho os nossos problemas sociais, econômicos e até mesmo políticos. Instrução — terminam em côro tôdas as fôrças vitais da nacionalidade brasileira. E assim pensaram, compreenderam, sentiram e fizeram na terra que foi berço de Marcílio Dias, um grupo de patriotas, fundando um centro cultural, com o fim único de levar o facho inflamante da instrução lá onde as trevas do analfabetismo estivessem empenhadas na triste missão de incapacitar e de anular as criaturas no imenso tablado da vida.

Tomaram por patrono o glorioso marinheiro rio-grandino, como se quisessem revestir-se da sua bravura e do seu valor, para a tomada esplendorosa da Paisandú soberba da cultura. Por divisa adotaram a legenda: — Bandeirantes da Alfabetização dos Brasileiros de Côr. E abriram escolas e incentivaram o amor ao livro, ao estudo. E iniciaram com os aplausos confortadores dos poderes públicos, da imprensa e do povo generoso e hospitaleiro desta cidade, um combate vigoroso ao analfabetismo, uma campanha sublime de patriotismo, de humanidade, de amor.

Mas, perguntarão alguns, que não compreenderam ainda a nobreza dos nossos desígnios, porque bandeirantes da alfabetização dos brasileiros de CÔR? Será que à sombra da bandeira do Centro Cultural, Marcílio Dias se esconde o desejo absurdo de fazer reviver entre nós o anti-brasíleo problema racial?

— 110 —

E para êsses, nós resumiremos tôda a grandeza do nosso ideal, tôda a brasilidade da nossa campanha, todo o ardor do nosso civismo e tôda a expressão do nosso patriotismo, e responderemos com a consciência nítida do valor da nossa obra: Não, não, mil vezes não!

Quantas vezes eu já declarei, e agora diante de vós não é demais repetir: — Bandeirantes da alfabetização dos brasileiros de CÔR, principalmente, mas não unicamente, porque então nós pecaríamos contra os mais rudimentares princípios do nosso ideal que nos conjuga, e seríamos insinceros quando proclamássemos a brasilidade do nosso movimento. Bandeirantes da Alfabetização dos Brasileiros de Côr principalmente, porque no meio dêstes e pela errônea concepção de inferioridade, produzido na maioria das vezes da ignorância, da falta de instrução, do analfabetismo foi que nós sentimos melhor, mais forte a necessidade de despertá-los para a luta nobilitante que dêle estava a exigir não o espírito da raça negra, mas o próprio espírito da raça brasileira ativa e viripotente, e que não pode permitir que entre aqueles que se misturam e se cruzaram para a sua formação persista uma idéia de desigualdade, de inferioridade, que ao invés de humilhar uma raça diminui e avilta um povo.

Bandeirantes da Alfabetização dos Brasileiros de Côr, porque ligados a êles como estamos pelos estreitos laços da família e da sociedade, mais ampla e eficiente será a nossa campanha, que outra coisa não é senão um reflexo da Cruzada Nacional de Educação e da campanha patriótica em homenagem ao Centenário Farroupilha. Bandeirantes da Alfabetização dos Brasileiros de Côr, porque a obra patriótica, iniciada na escola, nós a terminaremos em casa, como pai, como irmão, como filho, como espôso e como noivo.

E, lapidando inteligências ofuscadas pela ignorância e formando mentalidades que se diminuíram pelo analfabetismo, nós criaremos para o bem do Brasil, legiões infindas de Marcílios Dias, de Patrocínios, de Rebouças, de

— 111 —

Cruz e Souzas, de Monteiro Lopes, negros gloriosos que se immortalizaram, não como paladinos do estúpido preconceito de côr, mas sim como arautos da nossa brasilidade, procurando em lutas agigantadas elevar e firmar com êles o **negro** no concerto esplendente da igualdade e da fraternidade.

E, eis aí o que nós somos, o que nós queremos, o que nós sentimos. Nós somos os bandeirantes de uma campanha de nobreza, de fraternidade e de puro brasileiro. Nós queremos, por assim dizer, solidificar com a instrução a obra nobilitante daqueles que se bateram galhardamente na imprensa, na tribuna e na ação pela confraternização do povo brasileiro, livre do regime aviltante de privilégio de raças e de castas. Nós sentimos a grandeza da nossa obra, porque ela visa, alfabetizando pretos e brancos, ajudar a arrancar o Brasil da posição pouco lisonjeira em que êle se encontra no seio das nações que possuem maior número de analfabetos.

E porisso, o nosso movimento nasceu vitorioso, e porque venceu, êle não pode e não há de parar. Como penhor seguro da sua continuidade, afora a tenacidade retemperada na energia e mocidade dos Bandeirantes, ergue-se majestosa e simpática a cooperação das nossas autoridades municipais e estaduais.

Do Sr. Secretário da Educação, Sr. Otelo Rosa, eu trago a honrosa incumbência de reafirmar a sua solidariedade ao nosso movimento e o auxílio valiosíssimo da Secretaria de que S. Excia. é digno titular. A Prefeitura Municipal, os Srns. Drs. Curitiba da Rocha e Eugênio Carneiro, dignos inspetores escolares, estadual e municipal, o Ginásio Lemos Júnior, a Academia de Comércio João Moreira, o Colégio Santa Joana d'Arc, o Liceu Salesiano Leão XIII, os dignos professores Júlio César de Freitas, Floriano e M. Beirão, Rúbio Brasiliano, a Cruzada Nacional de Educação, — pelo seu ilustre presidente, dr. Gustavo Armbrust, a imprensa e o comércio local, o povo generoso e hospitaleiro do Rio-Grande, eis aí, meus

— 112 —

senhores, a coluna moral e vigorosa sôbre a qual se ergue e se vem firmando o Centro Cultural Marcílio Dias. E hoje, nessa hora solene, em que, por assim dizer, a nossa instituição cultural se constitucionaliza, façamos do nosso mais intenso culto de respeito, de gratidão, de saudade e de admiração aos nossos maiores, que nos legaram esperançosos o futuro da Nação Brasileira no testamento cívico das virtudes nobres de que se ornaram no passado, do nosso culto reverente a memória imperecível dos precursores da Independência, da abolição, da república, da democracia, um hino majestoso de crença no porvir, de amor e de esperança no soerguimento cultural do nosso povo. E com a mesma impetuosidade e bravura de Barroso, com a mesma fé, energia e patriotismo de Marcílio Dias, façamos do auriverde pendão brasileiro o plectro mavioso, ao som do qual em unísona voz, que se nunca deturpe desafinada pelos preconceitos de raça e de casta, pelo bem do Brasil e para a felicidade do seu povo, recitemos a Salve Rainha do nosso civismo e da nossa brasilidade.

Salve, Instrução, deusa da felicidade, vida, doçura e esperança nossa, salve. Bradam por ti os filhos das trevas. Por ti suspiram e gemem milhões de criaturas que se enlodaram nos paúes do analfabetismo. Eia, pois, advogada dos fortes e dos valorosos, estes teus olhos luminosos a nós volvei e depois dêste destêrro de ignorância e de todo o maligno cortejo de que se cerca o analfabetismo, mostrai-nos o livro, o saber, a educação, a felicidade, o patriotismo e a liberdade, frutos benditos do teu ventre. Para glória do Brasil, deusa da Instrução. Assim seja.